

Corpos em exposição

A nudez na arte e suas implicações nas práticas educativas do/no ensino infantil

Isis dos Santos Alves

Margarete Sacht Góes

Corpos em exposição

A nudez na arte e suas implicações nas práticas educativas da/na Educação Infantil

Resumo: O presente artigo discute a relação entre arte, nudez e infância(s) e analisa, na perspectiva do ensino da Arte, a problemática da nudez artística nas práticas educativas na/da Educação Infantil. Reflete sobre a nudez e o tratamento dado às representações artísticas dentro história da arte e trata de que forma essas imagens e temas são abordadas nas práticas educacionais para o Educação Infantil. Fundamenta-se teoricamente em autoras e autores como Salles (2020), Kastrup (2000) e Foucault (2017). Utiliza, como metodologia, a pesquisa qualitativa exploratória, por meio da qual analisa ações realizadas com crianças dos grupos G2 e G5 de um CMEI onde o estudo se consolidou. Finaliza problematizando a coexistência da necessidade do ser humano em representar o nu nas mais diversas vertentes artísticas e a violência pudica presente na história da humanidade, da mesma forma que o cerceamento dos corpos nus, as experiências vivenciadas nos espaços da Educação Infantil coexistem como inibidores do autoconhecimento corpóreo e existencial das crianças pequenas.

Palavras-chave: Infâncias. Nudez. Ensino da Arte.

Bodies on exhibition

Nudity in art and its implications for educational practices in early Child education

Abstract: This article discusses the relationship between art, nudity and childhood(s) and analyses, from the perspective of art teaching, the problem of artistic nudity in educational practices in/of Early Childhood Education. It reflects on nudity and the treatment given to artistic representations within art history and deals with how these images and themes are addressed in educational practices for Early Childhood Education. It is theoretically based on authors such as Salles (2020), Kastrup (2000) and Foucault (2017). It uses exploratory qualitative research as a methodology, in which it analyzes actions carried out with children from groups G2 and G5 of a CMEI where the study was consolidated. It ends by problematizing the coexistence of the human being's need to represent the nude in the most diverse artistic aspects and the prudish violence present in the history of mankind, in the same way that the restriction of naked bodies to the experiences lived in the spaces of Early Childhood Education coexist as inhibitors of self-knowledge corporeal and existential aspects of young children.

Keywords: Childhoods. Nudity. Art teaching.

1 introdução

A busca por uma compreensão mais sólida e ampliada sobre como os corpos são percebidos, explorados e cerceados na atualidade e seus desdobramentos nos espaços da Educação Infantil é o que nos move a escrever este artigo e revolvermos pensamentos limitados ou consolidados em relação à temática da nudez no contexto artístico e sua visualidade nos entremeios sociais. Faz-se necessário então, reconfigurar práticas educativas na/da Educação Infantil, explorando os modos como a escola e a sociedade tendem a cercear a discussão dos corpos e sexualidades para crianças pequenas, evitando diálogos possivelmente “sensíveis” na intenção de resguardá-las.

Nesse contexto, ao reunirmos informações a partir do referencial teórico elencado, concluímos que a nudez e os inquéritos de pudor dentro da nossa história não são recentes e nem inaugurais, pois a censura dentro da história antropológica é algo incrustado em todos os entremeios da vida social, e a violência pudica é algo tão familiar e persistente ao corpo e sua expressão, desde muito tempo. Dentro da estranheza de se ver uma imagem com corpos nus ou, no caso, uma mera representação do que seria o corpo nu, existe uma inquietude do não ver, algo tanto como uma redoma misteriosa em que, aos olhos do adulto, parece inacessível para a criança. Nesse sentido, torna-se premente amplificar as reflexões sobre o corpo e a censura dentro da história da arte que, de certo modo, reverberam muito nas ações pedagógicas que ocorrem na Educação Infantil.

2

Consideramos a possibilidade de desenvolver uma pesquisa sobre o tema nudez no contexto artístico e educacional para crianças pequenas, questionando sobre o que causa tanto pavor na nudez, reconfigurando os entendimentos acerca do inquérito de pudor impregnado em nossas relações sociais. Destarte, buscamos discutir a relação entre arte, nudez e infância(s) e analisar, na perspectiva do ensino da Arte, a problemática da nudez artística nas práticas educativas na/da Educação Infantil.

O texto será organizado em duas partes principais, sendo que, na primeira, faremos uma digressão sobre o tema da nudez na história da arte e da humanidade e, na segunda, analisaremos, na contemporaneidade, como essas narrativas hegemônicas reverberam nas práticas educativas voltadas para as crianças pequenas e bem pequenas. Traremos as narrativas das crianças do Grupo 2 e 5 a partir das reflexões e vivências com a leitura do livro “Ceci tem pipi?” e da leitura de imagem de quatro obras de artistas modernistas. Por fim, apresentaremos nossas considerações.

2 A verdade nua e crua: tratamento dos corpos na história da arte

A ideia de relação corpo e mundo, e todas as múltiplas interpretações que dela advém, surge porque nos constituímos por meio de perspectivas histórico-culturais e sociais nas quais estamos inseridos. Le Breton (2006), quando descreve sobre os elementos etnológicos que uma sociedade pode construir, infere que:

O corpo é uma realidade mutante de uma sociedade para outra: as imagens que o definem e dão sentido à sua extensão invisível, os sistemas de conhecimento que procuram elucidar-lhe a natureza, os ritos e símbolos que o colocam socialmente em cena, as proezas que pode realizar, as resistências que oferece ao mundo, são incrivelmente variados, contraditórios (LE BRETON, 2006, p. 27).

Atualmente, percebemos e compreendemos as mudanças de uma sociedade para outra por meio dos estudos sobre as Ciências Sociais e Humanas, mas também por estarmos deslocados neste tempo presente, o tempo linear e cronológico, que é uma invenção do presente e que se transmuta a cada passagem de período histórico da humanidade. Há aproximadamente 30.000 anos, as primeiras manifestações estéticas e as primeiras representações de corpos na história da arte faziam parte de uma dinâmica social para além da estética apreciativa de nosso tempo, pois existia nelas um significado que excedia a ideia do funcional para aquela sociedade em questão.

Eram as cavernas, os locais onde nossos antepassados se refugiavam das noites agitadas do paleolítico e, nas paredes, expressavam seu cotidiano e costumes sociais por meio de

Corpos em exposição

A nudez na arte e suas implicações nas práticas educativas do/no ensino infantil

Isis dos Santos Alves

Margarete Sacht Góes

grafismos, figuras antropomórficas e zoomorfas expressas em diversas cenas e desenhos de animais. Dentre as diversas cenas encontradas ao redor do mundo, estão as representações com antropomorfos desnudos e cotidianos sexuais explícitos, que nos propõem a refletir, dentro de nossa contemporaneidade, sobre um entendimento de corpo para além de projeções fantasiosas ou pudibundas.

Não podemos pensar em uma análise consensual quanto à leitura dessas representações do paleolítico, pois não existirão certezas concretas sobre tais fatos tão distantes em nossa linha temporal, mas, sim, “[...] observar as recorrências no registro rupestre, os vestígios arqueológicos diretos encontrados no local e tentar construir uma ponte entre presente e o passado, para acessar a ambos” (JUSTAMAND *et al.*, 2021, p.5). O legado cultural de uma sociedade que resiste no tempo-espço não se desassocia da vida humana. E, como menciona o autor, quando integradas, podemos intercambiar esses modos de pensar e de entender a vida dentro de múltiplas perspectivas.

No Brasil, as representações sexuais rupestres encontradas no Parque Nacional Serra da Capivara (PNSC) também nos provocam a refletir sobre essas questões, pois “[...] as diversas cenas encontradas no PNSC, sejam de ordem sexual ou não, apontam para a importância do corpo humano, suas representatividades e práticas sociais que são diversas e encontram-se espalhadas no mundo” (JUSTAMAND *et al.*, 2021, p.5).

Em tempos remotos, habitantes da Serra da Capivara (PI) viam o mundo por meio de seus corpos, ou melhor, deixavam que o mundo os atravessasse, experimentando e testemunhando, de diversas formas, suas vivências, sem um preconceito estabelecido, pois este foi projetado em nossa sociedade atual, como uma nova forma de pensar os corpos e as relações sociais, sexuais e culturais.

Cabe-nos, entretanto, endossar as investigações, pois em algum momento daquele tempo, nossos antepassados se empenharam em construir civilizações que resistiram dentro do tempo para que suas histórias pudessem ser conhecidas através do seu legado imagético.

Corpos em exposição

A nudez na arte e suas implicações nas práticas educativas do/no ensino infantil

Isis dos Santos Alves

Margarete Sacht Góes

Avançando um pouco mais na história, vamos percebendo que, de forma pontual, em grande parte dos achados artísticos, de pinturas às arquiteturas, o motivo que mais evocava e questionava o corpo era o religioso. A religião se instituiu como base nas construções sociais e era pela devoção aos ritos, aos deuses e à magia que o mundo medieval interpretava o novo mundo. Nos grandes impérios que se solidificaram nos séculos medievais, da Europa ocidental ao Oriente Médio, de povos em todas as Américas, e de lugares mais inóspitos e remotos, a concepção de corpo pareceu perpassar de diversas maneiras pela religiosidade.

O corpo parecia estar no centro da narrativa religiosa ainda como um corpo em suas particularidades, despido da vergonha. De certo, a nudez parecia ter outro significado para as civilizações medievais, e o advento das vestimentas, inclusive, poderia ser um determinante de classes sociais em muitas civilizações, mas não com a utilidade específica de esconder algo, como nos séculos modernos. A partir do cristianismo, o entendimento da nudez se modificou, perpassando pelos preceitos da religião, do que se prega como certo e errado, do que constitui um corpo santo e um corpo pecador. As imagens sacras foram um dos grandes veículos de disseminação do cristianismo, que logo se estabeleceu como poder de estado e transformou-se em religião oficial.

Tendo o poder e a narrativa da imagem, os humildes camponeses não tinham para onde olhar, a não ser para os imensos edifícios sacramentais, que surgiram adornados, em seu interior, de pinturas sagradas, onde se ilustrava e disseminava os ensinamentos cristãos para os leigos e os desesperados de alma. Quando discorre sobre as tais representações utilizadas pelo cristianismo, Lopes (2018, p. 332) ressalta que:

O cristianismo se apropriou das representações da mitologia greco-romana fazendo das imagens do corpo humano, nu ou vestido, eficiente meio de “propagar, catequisar, impressionar, organizar seu rebanho”, considerando “ser a imagem mais contagiosa e mais viral que a escrita”, porque a “imagem mais que uma ideia provoca emoção, põe a multidão em movimento”.

Os artistas do novo mundo cristão que recebiam as encomendas dos religiosos precisavam sobrepujar as convenções greco-romanas do passado, principalmente, os métodos artísticos que lembrassem dos antigos deuses e da preocupação com a representação do corpo

natural (GOMBRICH, 2012), mas, ao mesmo tempo, representar os ensinamentos cristãos ainda com a ajuda dos métodos antigos.

A sociedade, já imbuída no pudor disseminado pela igreja, ocupava-se então em admirar as genitálias expostas nos santuários para tomar-lhes como lição de moral e não como uma apreciação estética, já que, “[...] no fundo, o nu, as cenas de cópulas nas igrejas, são morais pois contêm uma lição que contradiz o que representam” (BOLOGNE, 1990, p. 224).

O corpo humano era interpretado como o corpo da perdição, dos desejos carnavais, sexuais, da libido. Entendemos, a partir de então, que a nudez plena, nos séculos medievais, era incessantemente punida pela igreja, não existindo distinção entre o que era nudez sexual ou nudez natural, ou seja, toda aparição era condenada e deveria ser extirpada. Como grandes influenciadoras da época, as igrejas provocavam medo e repreensão nas multidões de devotos.

As lutas ideológicas entre a igreja católica e os rebeldes protestantes insurgiram como reformas e revoluções que ficaram conhecidas na história. Assim, diante de um poder centralizado da igreja, o que surge como oposição nas idealizações da hegemonia é censurado, condenado, criminalizado. Na história da arte e da humanidade, a censura e o pudor de corpos se instauraram em um dado momento nas eras medievais e se reformularam em novos formatos com o passar dos séculos, acompanhando as crescentes mudanças industriais e tecnológicas da sociedade. Nos cabe agora questionar, quais seriam os atuais motivos que movem os tabus da nossa contemporaneidade? Será que ainda nos cabe continuar reproduzindo as mentalidades do passado?

2.1 Infâncias sem corpos? Importantes confluências entre ensino da arte e nudez

A arte como prática de aprendizagem no ensino infantil é fundamental e precisa estar assegurada nas experiências das crianças por proporcionar uma integração delas com o mundo. A partir de suas experiências e vivências, elas organizam seus processos mentais e expressam

Corpos em exposição

A nudez na arte e suas implicações nas práticas educativas do/no ensino infantil

Isis dos Santos Alves

Margarete Sacht Góes

ideias e sentimentos, então — por meio da interação, da ludicidade e da brincadeira — o ato de criação torna-se um dos fatores mais marcantes na infância, lembrado durante toda a vida.

Quando se pensa em infância, inicialmente se evidencia uma sociedade que encarou essa fase da vida de diversas formas no contexto histórico, social, geográfico, cultural, econômico, racial e político, daí nossa opção pelo termo infâncias. A sociedade definiu um tratamento para essas infâncias, interferindo em seu poder de escolhas e vontades, intencionando, muitas das vezes, uma autoridade desmedida, disfarçada de proteção e cuidado.

No contexto escolar, esse cuidado se manifesta em restrições, cerceamentos, deixando, por exemplo, de falar sobre temas que, social e culturalmente, dizem ser sensíveis e inapropriados para essa faixa etária. A nudez e a sexualidade são as primeiras a serem banidas das conversas e das imagens, pelo fato de os adultos considerarem que as crianças não compreendem tais discussões e visualidades.

A questão que fica é: se a escola tem por objetivo ser um local de aprendizados, por que é necessário esperar que todo esse tempo da infância termine para se discutir sobre a nudez e suas vertentes, um tema que acreditamos ser inerente à vida? Se realmente pensamos em proteger as crianças, deixar de falar sobre tais temas, que se dizem “inapropriados”, é também deixar de cuidar. Foucault (2017), um grande estudioso das relações sociais, em específico sobre o tema sexualidade, em um dos seus livros publicados sobre a história da sexualidade, infere:

no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do século XIX. Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos "pavoneavam" (FOUCAULT, 2017, p. 9).

Compreendemos que a censura acaba sendo uma forma de negar às crianças um autoconhecimento. Conhecer seus limites e onde começa o limite do outro, ou seja, a construção da subjetividade tem início nesses processos, pois é assim que elas poderão se reconhecer como

Corpos em exposição

A nudez na arte e suas implicações nas práticas educativas do/no ensino infantil

Isis dos Santos Alves

Margarete Sacht Góes

sujeitos incluídos no meio de muitos outros e que dividem uma experiência coletiva na qual todos compartilham do mesmo aspecto da nudez, os corpos são múltiplos, mas a experiência do nu é a mesma, e isso não é segredo para elas. Sobre a censura, Foucault (2017, p. 21) discorre que “[...] Sem mesmo ter que dizê-lo, o pudor moderno obteria que não se falasse dele, exclusivamente por intermédio de proibições que se completam mutuamente: mutismos que, de tanto calar-se, impõe o silêncio. Censura!”.

É interessante pensar que, o que a censura acarreta, é nada menos do que uma maior curiosidade em conhecer. Se retornarmos às lembranças dos nossos processos infantis, saberemos o quanto a curiosidade esteve aparente nas questões que nos eram ocultadas e censuradas aos olhos, diferentemente daquelas às quais tínhamos livre acesso. Outro exemplo, foi a performance *La Bête*, no Museu de Arte Moderna de São Paulo que, segundo Salles (2020, p.137), transformou o que era uma expressão artística em crime de pedofilia e atentado ao pudor, em que o sensacionalismo — juntamente com os “[...] discursos de proteção à infância pautados mais por afetos e percepções gerados na manipulação das imagens amadoras, acompanhadas do tom de alarde, do que propriamente pela ativação da performance” — repercutiu nos discursos e mídias sociais.

Essa performance viralizou na internet inicialmente por um vídeo tendencioso em grupos conservadores no *facebook*, desapropriando toda a experiência de uma criança com a arte-performance, expondo-a a situações constrangedoras e traumáticas desnecessárias. Será que realmente é sobre reivindicar proteção às crianças dos corpos nus ou a proteção de si mesmo para com as crianças? Interpretar a nudez é, como vimos até então, um processo subjetivo e depende dos aspectos sociais e histórico-culturais que movimentam o meio em que os sujeitos estão inseridos. Compreender o nu na arte é entender que muitos caminhos podem ser tomados para o entendimento da experiência, pois encarar a nudez artística das obras, imagens ou linguagens de uma forma pornográfica, por exemplo, é um entendimento completamente destoante da experiência visual de se enxergar o nu com uma percepção mais poética, do corpo como lar e não como objeto sexual.

Corpos em exposição

A nudez na arte e suas implicações nas práticas educativas do/no ensino infantil

Isis dos Santos Alves

Margarete Sacht Góes

Compreendemos então que a nudez, como qualquer outro tema inerente à vida, precisa ser abordada para que se naturalize a concepção dos corpos em todas as suas nuances e, nesse sentido, é preciso refletir de forma respeitosa, juntamente com as crianças, criando condições para que elas possam discernir “[...] situações em que a nudez figura ou constitui a vida e as obras de arte” (SALLES, 2020, p. 138).

Desde os primeiros movimentos artísticos conhecidos na história da humanidade, podemos perceber a importância dada em representar os detalhes do corpo nu, principalmente, em séculos antecessores à reprodução fotográfica, nos quais as maiores preocupações estavam em sobreviver a pestes e guerras. Corpos nus eram retratados em pinturas religiosas, adornando catedrais, sem pudores ou censuras, permitindo o acesso de olhares curiosos de crianças.

Se, no passado, corpos desvelados eram retratados com tanta naturalidade para que as pessoas pudessem contemplá-los sem restrições, por quê, na contemporaneidade dos nossos tempos, os olhos precisam estar cerrados a essa nudez, e os corpos e mentes estar trajados de vergonha e pudor? E, principalmente, por que as crianças podiam presenciar a nudez anterior e hoje não mais? O que mudou?

Com o intuito de discutir diferentes posicionamentos sobre como a comunidade escolar aborda a nudez nas práticas educativas com crianças pequenas, bem como refletir sobre como a nudez trabalhada no ensino da Arte vem sendo ou não abordada na Educação Infantil, apresentaremos a intervenção realizada com o Grupo 2 e com o Grupo 5 de um centro de Educação Infantil, pois, de acordo com Salles (2020):

É oportuno pensar, pois, que é o conhecimento do corpo, com seus modos e lugares singulares de aparição, construção e afetação, que torna crianças também capazes de discernir distintas situações em que a nudez pode vir à tona. O corpo carrega imagens, culturas e saberes que nos compõem desde a mais tenra idade, e, assim, conhecer-se (e produzir arte com crianças) passa por sua (nossa) compreensão e sensibilidade encarnadas (SALLES, 2020, p. 138).

No sentido de “conhecer-se e de produzir arte com crianças”, as atividades de intervenção pensadas para as crianças do Grupo 5 tinham o objetivo de produzir dados mais precisos sobre a questão da nudez aqui investigada. Entretanto, devido a questões

organizacionais da professora, as proposições se expandiram, ou seja, também foram vivenciadas com crianças bem pequenas do Grupo 2.

Tais possibilidades nos permitiram refletir quanto à classificação dos conteúdos indicativos para as faixas etárias das crianças e a quem essas classificações beneficiam dentro de suas orientações e permissividades. E, assim, pensar para além dos limites sensíveis das experiências infantis que são invisibilizadas, mas também pensar no quanto o entendimento do desenvolvimento infantil, por muitas vezes, perpassou pela ideia de uma infância subordinada intelectualmente ao modo adulto de conhecer e pensar, como se a infância, de acordo com Kastrup (2000), fosse um estágio inferior a ser superado do desenvolvimento humano. Para ela:

Desenvolver-se é, deste ponto de vista, superar deficiências cognitivas, completar lacunas, deixar para trás estruturas cognitivas imperfeitas que impedem a criança de conhecer como um cientista. A adoção de uma perspectiva epistemológica faz com que o problema de tais transformações seja colocado sob a égide do progresso e da previsibilidade e a investigação da criança reste assombrada pela forma adulta de conhecer (KASTRUP, 2000, p. 374).

Comprendemos que as crianças investigam o mundo e seus próprios corpos desde os primeiros anos de vida, e temos a propensão de subestimar essas investigações ou não as perceber. Enquanto crianças, investigamos e fluímos entre territórios inventivos, mas chegamos na *adulthood* controlando a realidade por regras prévias, sucumbindo experiências, observando o mundo pela janela da passividade.

3 Conexões: livro “Ceci tem pipi?” e as obras degeneradas de artistas modernistas

A proposta de atividade com as crianças do CMEI teve como alicerce a literatura infantil dentro da temática do nu, reunindo assim dados para as análises do estudo em consonância com as concepções teóricas abordadas até aqui, que acolhem o devir-criança como caminho para as potências inventivas existentes ao acessá-las nas ações educativas. A leitura de imagem fez

parte da proposta e se inseriu como dispositivo para a elaboração das narrativas e de histórias coletivas.

Analisando os eventos acerca da censura da nudez nas ações educativas para/com crianças pequenas, dispomos de dados mais assertivos, pois compreendemos que se torna urgente a discussão sobre diferentes posicionamentos de como a comunidade escolar aborda a nudez, bem como refletir sobre como ela, a partir do ensino da Arte, vem sendo ou não abordada na Educação Infantil.

Importante destacarmos que a intenção desta pesquisa surgiu após o contato com uma situação de advertência pela equipe pedagógica a partir de uma atividade de leitura de imagens proposta pela professora com a obra “La Dance (II)”, de Henri Matisse, ou seja, é a censura intervindo em uma prática educativa que se caracteriza disruptiva e significativa para as vivências das crianças. Diante desse contexto, reiteramos nossa posição de provocadoras ao planejar e acionar novamente esse dispositivo que nos instiga e nos provoca quando percebemos que é utilizado para interditar as experiências infantis.

Assim, reafirmamos a premência de, juntamente com as crianças, refletirmos sobre a linguagem do corpo e suas múltiplas facetas no mundo, pois o que são as vivências se não orientadoras de nossa compreensão de mundo? Ressaltamos que são por meio dessas vivências que as crianças experienciam tudo que seja da esfera do sentimento, do subjetivo, dos sentidos, como também do social e do cultural.

3.1 As crianças querem contar histórias... conexões por meio do livro “Ceci tem pipi?” e imagens das obras “degeneradas” de artistas modernistas

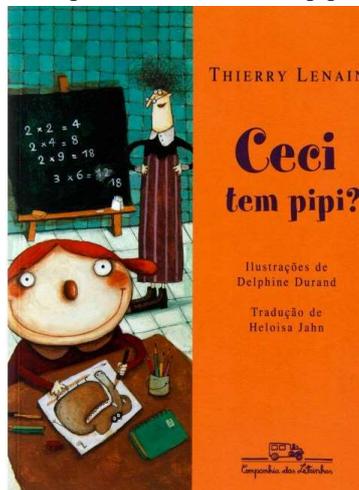
Sendo a arte, um dispositivo para/de experiências estéticas e estésicas, em um contexto educativo, é preciso pensar em uma reconfiguração ao abordarmos os corpos para além de efeitos morais e proibitivos. E as reflexões que a escola proporciona são primordiais na acuidade de vivências das crianças, por ser um dos primeiros espaços em que elas compartilham momentos coletivos com seus pares infantis, constituindo suas identidades, preferências e

Corpos em exposição**A nudez na arte e suas implicações nas práticas educativas do/no ensino infantil***Isis dos Santos Alves**Margarete Sacht Góes*

repertórios da vida. Então, é imprescindível que a/o docente esteja receptivo a essas realidades, até porque, elas/es não são detentoras/es de verdades únicas. Abraçar os contextos e compreender o lugar no qual as crianças falam, bem como a produção de suas narrativas, é condição para educar por meio do diálogo e da escuta.

Assim, pensando nas atividades como repertórios para a vida e não para serem colocadas no portfólio, a proposta idealizada se constituiu em dois momentos: primeiro, foi a proposição de um exercício de percepção do corpo a partir da leitura do livro “Ceci tem pipi?” (2013), do autor Thierry Lenain (Imagem 01), que possibilitou às crianças o tornar a si, com afeto e cuidado, potencializando a percepção de seus corpos e também dos colegas, além de compreenderem os seus limites e os limites do outro.

Imagem 01. Capa do livro "Ceci tem pipi?", 2013.



Fonte: Internet

Esse livro pertence a uma série de quatro títulos que abordam assuntos concernentes ao corpo e à sexualidade humana. Em “Ceci tem pipi?”, a história começa contando a perspectiva de mundo de Max, o personagem que divide o mundo entre os "com-pipi" e os "sem-pipi" e sua jornada de descobertas após conhecer Ceci, uma menina irreverente e diferente de tudo aquilo que conhecia. Ao final, ele apresenta reflexões que mudaram definitivamente sua concepção de mundo.

Corpos em exposição**A nudez na arte e suas implicações nas práticas educativas do/no ensino infantil***Isis dos Santos Alves**Margarete Sacht Góes*

Quando, na história, Max transforma seu modo de entender o mundo através do encontro com Ceci, a intenção oculta na história que nos perpassa é a ideia de que, dentro das nossas relações sociais, sempre existirão conexões invisíveis e potencializadoras que modificarão nossos olhares diante da inconstância que é, e aqui de forma abrangente, a vida. Foi na escolha dessa literatura que entendemos por onde nossa proposta educativa pretendia transitar. Ademais, o tema é extremamente pertinente e engendra articulações possíveis entre as discussões sobre corpos e identidades de gênero, temas que “naturalmente” são excluídos das conversas com as crianças.

No segundo momento, nossa intenção foi a de, juntamente com as crianças, criar narrativas lúdicas por meio da leitura de imagem das obras “*Fünf Badende in Seenlandschaft*” (1918), de Otto Mueller (Imagem 02); “*Gozo*” (1974-76), de Claudia Andujar (Imagem 03); “*La Ópera*” (sem ano definido), de Antonietta Raphael (Imagem 04) e “*La Dance (II)*” (1910), de Henri Matisse (Imagem 05) com o intuito de lhes entregar a possibilidade de criação de histórias outras, deixando fluir o ser poético que habita em suas narrativas e histórias.

Esses artistas pertencem aos movimentos artísticos modernos e pós-modernos, considerados em alguns momentos da história da arte e do mundo como “degenerados”, artistas sobreviventes dos regimes autoritários de seu tempo, que iam contra as regras do sistema, expressando suas poéticas artísticas, muitas vezes, sendo rotulados de insanos, mas que hoje são considerados artistas que estiveram à frente de seu tempo, ou seja, revolucionários.

As obras escolhidas foram resultado de uma análise pensada para as crianças com o objetivo de que, em alguma medida, elas relacionassem a leitura do livro às imagens, seja pelo tema que a história suscita, seja pelos repertórios imagéticos que os dois oferecem, pois, de certo modo, elas se aproximam do universo lúdico e da expressividade despretensiosa das crianças.

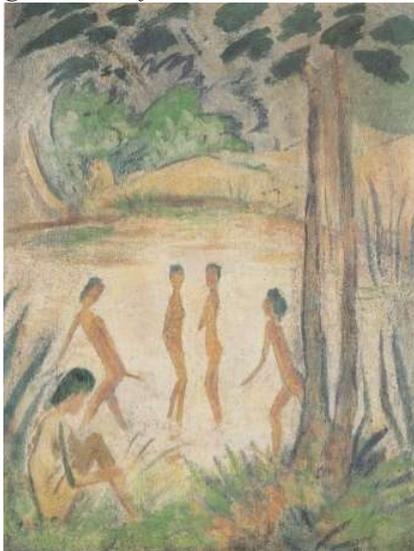
Ao mediar as experiências estéticas das crianças, levando todas essas referências literárias e imagéticas, a intenção não era incutir uma ideia subversiva ou até erotizada na mente delas, nem mesmo ditar o que é certo ou errado, essa última, inclusive, é uma decisão

Corpos em exposição**A nudez na arte e suas implicações nas práticas educativas do/no ensino infantil**

Isis dos Santos Alves

Margarete Sacht Góes

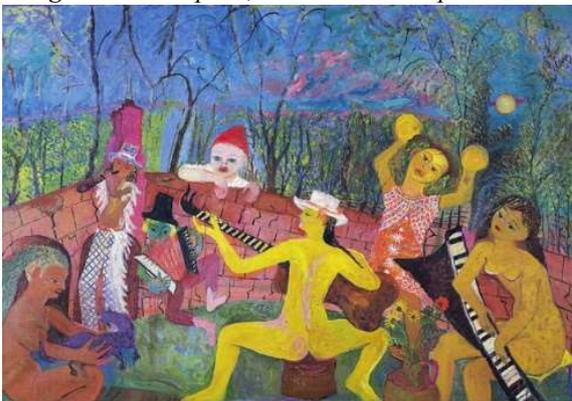
estritamente delas, em algum momento da vida farão essa curadoria moral, apropriando-se ou descartando as informações e os conhecimentos que lhes convém. A intenção, no entanto, era oportunizar um repertório de vivências para além de censuras, porque compreendemos que, na vida cotidiana, essas imagens estão circulando por diversos meios, sejam eles digitais ou não, e a escola continua a cerceá-las mesmo sendo em atividades de ensino da Arte, nas quais o corpo é, e sempre foi, objeto de estudo e reflexão.

Imagem 02. *Fünf Badende in Seenlandschaft*, de Otto Mueller (1918)

Fonte: WikiArt.org

Imagem 03. *Gozo*, de Claudia Andujar (1974-76)

Fonte: Internet

Imagem 04. *La Ópera*, de Antonietta Raphael

Fonte: WikiArt.org

Imagem 05. *La Dance (II)*, Henri Matisse (1910)

Fone: Internet

Corpos em exposição

A nudez na arte e suas implicações nas práticas educativas do/no ensino infantil

Isis dos Santos Alves

Margarete Sacht Góes

Ressaltamos que não temos direito de interferir nas possibilidades de sentidos e reflexões das crianças diante de um corpo nu, mas podemos ajudá-las a ver, a criticar, a gostar ou não, a partir do olhar sensível, que somente a arte pode proporcionar. Destarte, as ações pedagógicas se constituíram em três momentos: o primeiro, com a contação da história "Ceci tem pipi?"; o segundo, com a leitura visual das imagens das obras selecionadas e, por fim, a produção de narrativas elaborando novas histórias.

3.2 Afinal, quem é que tem medo do corpo nu?

Nossa intenção, a princípio, era vivenciar as ações pedagógicas somente com o Grupo 5, entretanto, fomos surpreendidas pela possibilidade de experienciar as atividades também com o Grupo 2. Nos perguntávamos, então, que tipo de retorno teríamos ao investigarmos a problemática da nudez na infância junto ao G2, pois, em nossa concepção, eram crianças pequenas demais. E, de fato, eram/são pequenas demais!

Compreendemos que as crianças investigam o mundo desde os primeiros anos de vida, e temos a propensão de subestimar essas investigações ou não as perceber. Isso diz muito sobre o conceito de devir-criança, cunhado por Deleuze e Guattari (1997) e elucidado por Kastrup (2000), "[...] Deleuze afirma: a criança não para de dizer o que faz ou tenta fazer: explorar os meios, por trajetos dinâmicos, e traçar o mapa correspondente" (DELEUZE, 1997, *apud* KASTRUP, 2000, p. 378).

15

Assim, a proposta foi a mesma para os dois grupos, o que mudou foi o tempo e a abordagem. Inicialmente, com o G2, o tempo na sala de atividades precisava ser preciso para que elas não se cansassem e se dispersassem. Ademais, o repertório verbal desse grupo é mais restrito do que do G5, porém a expressividade gestual é intensa. No dia planejado para a vivência das atividades no grupo G2, apenas 5 crianças vieram para a escola: duas meninas e três meninos, o que corroborou para que a intervenção ocorresse de um modo mais tranquilo.

Para a leitura do livro, em formato digital e pelo computador, reunimos as crianças em uma roda de conversa e fomos dialogando com elas, refletindo a partir de questões incitadas

Corpos em exposição**A nudez na arte e suas implicações nas práticas educativas do/no ensino infantil***Isis dos Santos Alves**Margarete Sacht Góes*

durante a história como: "O que será que Ceci guarda?"; "Por que será que Max acha que Ceci tem um pipi?"; "Como vocês nomeiam essas partes do corpo?"; "Qual nome é correto para falarmos dessas partes do nosso corpo?".

As questões das crianças geralmente envolviam um grande interesse em pontuar todos os animais inseridos nas ilustrações, o que desviava um pouco a atenção do objetivo da proposta, porém, entre os desvios, observamos as aproximações e conexões que elas faziam com as experiências reais que tinham, ou seja, diziam muito sobre a própria realidade delas.

Em momentos pontuais, as narrativas foram reverberando em movimentos e sensações corpóreas do grupo diante da proposta, principalmente, quanto à participação ativa e a identificação das meninas com a personagem Ceci. Quando o personagem Max narra sua perspectiva de mundo, na qual ele o dividia entre os "com pipi" e os "sem pipi", e quem detinha mais força era os que tinham "pipi", uma das meninas gesticulou com a cabeça um "não" com absoluta convicção, não concordando com a afirmação do personagem. E, no ponto da história onde Max conhece Ceci pela primeira vez na aula de desenho e refere-se a ela como mais "[...] uma sem pipi, ela que vá brincar de boneca ou desenhar florzinhas fofinhas", a mesma criança diz "Eca", sendo totalmente contrária à narrativa do personagem, expressando descontentamento quando escutou que os "com pipi" seriam os mais fortes.

Percebemos também o reconhecimento das crianças com os nomes utilizados no livro para as partes íntimas do corpo. Essa percepção surgiu na história sobre o questionamento "o que Ceci tinha de diferente das outras meninas?", ou será que Ceci era uma menina "com pipi"? Elas já tinham uma interpretação formada do desfecho da história, uma das crianças responde às questões do livro com um "não" de não, ela não tem "pipi". Ao final da contação, perguntamos se tinham gostado da história e pedimos para nomearem suas partes íntimas, quem tinha "pipi" e quem tinha "perereca" (nome dado por elas). As meninas, principalmente as mais participativas, prontificaram-se em dizer que tinham "perereca". E os meninos ficaram tímidos e com uma certa insegurança de afirmar que tinham "pipi".

Corpos em exposição

A nudez na arte e suas implicações nas práticas educativas do/no ensino infantil

Isis dos Santos Alves

Margarete Sacht Góes

A partir da leitura do livro, convidamos as crianças para a segunda parte da proposta, que seria a de produzir uma história através da leitura das obras dos quatro artistas já mencionados. Então, com todas dispostas a criar uma narrativa autoral, começamos analisando a primeira obra do artista Otto Mueller.

As análises das crianças eram guiadas pelas nossas perguntas para ativarmos a observação delas aos detalhes das cenas. Quando perguntamos, "o que se vê?", as crianças pontuaram a nudez dos banhistas. "Tá pelada!", "Tem pipiu...", e surgiu, então, uma questão entre elas: do porquê de os personagens estarem nus. Explicamos que era porque estavam tomando banho no lago e perguntamos se também tomavam banho pelados. Uma das crianças respondeu, "não, eu gosto de tomar banho de calcinha!". Houve um paralelo do que elas experienciavam na vida com a história que estavam criando. Todas lembraram das vezes que tomaram banho em locais públicos e que sempre estavam usando calcinha ou cueca.

Na fotografia de Cláudia Andujar, de antemão, perguntamos, "o que aconteceu?", a mudança total do cenário e da linguagem artística provocou certa dubiedade. Dissemos, "saíram correndo do nada, ou será que eles viram alguma coisa?". "Um monstro", disse uma criança. Continuamos, "Mas e aí, eles foram se defender? O que eles estão segurando?". Uma criança respondeu: "É uma espada de matar o monstro, no outro dia eles mataram", entretanto, a nudez das crianças indígenas não provocou nenhuma reação ou comentário. Na imagem da obra de Antonietta Raphael, as atenções se voltaram para o "bumbum grande" do personagem amarelo: "tem bumbum"; "minha mãe tem bumbum grande" e, na imagem de *La danse* (II) de Henri Matisse, obra que motivou nossos questionamentos, a atenção se voltou para os corpos expostos das personagens. Com um olhar mais perspicaz, elas descreveram como os personagens estavam dispostos, "a outra tá com os peitos de fora", "a barriga, tem barriga!"

Ao final das narrativas sobre as imagens, as crianças, de forma lúdica e brincante, inseriram-se como protagonistas da própria história criada. A sala de atividades se transformou no cenário inédito da história, os tatames se transformaram em uma lagoa e a sala, na floresta, e assim todos juntos pulavam e nadavam na lagoa-tatame, depois corriam de volta para a

Corpos em exposição

A nudez na arte e suas implicações nas práticas educativas do/no ensino infantil

Isis dos Santos Alves

Margarete Sacht Góes

floresta-sala. Uma criança descobriu, no meio desse processo da experiência proposto, que o buraco no meio de sua barriga tinha um nome, “umbigo”, e uma outra levantava sua blusa para afirmar que tinha barriga.

Ao chegarmos ao G5, o quantitativo que encontramos também era pequeno em presença, pois tinham apenas 4 crianças, duas meninas e dois meninos. Começamos apresentando a história e o autor da história, pois eram crianças que já estavam em fase de correlacionar as letras do alfabeto e procuravam constantemente entender o que estava escrito.

Quando narramos sobre os mamutes serem mais fortes por terem “pipi”, observamos uma dúvida interpretação sobre o que seria “pipi” e “perereca”, uma das crianças confunde várias vezes a palavra “pipi” com o ato de urinar: “é verdade fazem xixi, tipo assim”; questionamos “É? Faz xixi?”; “e faz cocô”; “Mas cocô não é do outro lado?”; “É verdade! Cocô é atrás né, daqui ó”; outra criança relaciona “perereca” com uma lembrança da avó que encontrou uma rã em sua casa: “Já entrou um sapo na casa da minha avó, era uma perereca”.

Na parte da história em que mostramos como o personagem Max enxergava o mundo, ou seja, quando perguntado, “Quem era os que não tinham pipi?”, uma criança responde: “as meninas!”. Um menino questiona, “mas eu também faço pipi”, e a criança retruca, “mas ela tem xereca” (DIÁRIO DE CAMPO, 29/11/2022).

No decorrer da narração, as crianças identificavam nas pessoas de seu convívio e entre elas quem tinha “pipi” ou “xereca”, nesse grupo a vulva era nomeada assim. E não poderíamos deixar de refletir sobre essa dubiedade e a falsa noção dada sobre as partes íntimas quando não nomeadas corretamente. Seria difícil elas entenderem que os nomes corretos das genitálias são vulva e pênis, ou nós que subestimamos a compreensão infantil sobre o mundo? Nesse momento, notamos também que, para as meninas, ter “pipi” não era sinônimo de força como é narrado na história, mas que todos eram fortes na concepção delas. Mas tais comentários surgiram de forma muito tímida, quase que sussurrante e somente após serem questionadas, diferente das meninas do G2, cujas contraposições foram mais expressivas e imediatas.

Corpos em exposição**A nudez na arte e suas implicações nas práticas educativas do/no ensino infantil***Isis dos Santos Alves**Margarete Sacht Góes*

As crianças do G5 foram bastante interativas com a história, mas ao mesmo tempo muito dispersas. Elas divagavam em relação aos pequenos detalhes das ilustrações, como os mamutes, o formato das figuras etc. Dialogavam entre si quando se reconheciam corporalmente nos personagens e, no momento da história em que Max decide espionar Ceci por debaixo da porta do banheiro, as crianças dizem: “Eu faço assim no banheiro”; “Eu faço sentada”; “Eu também”; “Homem faz de pé”. Ao descobrir que Ceci tinha “pipi”, Max diz que contaria a todos os colegas e, assim, ninguém mais brincaria com ela. Questionamos se o fato de uma pessoa não ter pipi era motivo para os outros não quererem brincar com ela e obtivemos as seguintes respostas: “Não”; “não”; “Todo mundo tem que brincar com uma pessoa, tipo de roda, tem que brincar com todo mundo” (DIÁRIO DE CAMPO, 29/11/2022).

Durante a leitura de imagens das obras, observamos que as crianças também foram relacionando o que viam às suas experiências e vivências. Na imagem da obra de Otto Mueller, elas decidiram, com convicção, que eram indígenas tomando banho no lago e, partindo para a fotografia de Cláudia Andujar, muitas possibilidades foram criadas. Uma das crianças disse, “o lago secou”, outra disse que “eles estavam tentando furar um buraco pra continuar a água”. Então, coletivamente, decidiram que os personagens precisavam furar a terra com o bastão e encontrar água novamente. Nesse meio tempo, uma criança tentou encontrar “pipi” nos personagens da obra, entretanto, as outras crianças não deram muita atenção para o que ela falava.

Na imagem da obra de Antonietta Raphael, um misto de novas informações se sucedera. Houve uma confusão de narrativas, todas as crianças falavam ao mesmo tempo, concluindo que nessa parte da história, os personagens voltariam no tempo e descobririam que não tinha água no passado e, para conseguirem essa proeza, teriam que viajar no tempo. A imagem da obra de Henri Matisse evidenciaria esse mistério. Nela elas concluíram que os personagens, em uma roda mágica, deram as mãos e giraram para voltar ao passado e depois se divertiram dançando.

4 Considerações finais

Com o objetivo discutir a relação entre arte, nudez e infância(s) e analisar, na perspectiva do ensino da Arte, a problemática da nudez artística nas práticas educativas na/da Educação Infantil, propusemos um diálogo com as questões pertinentes ao corpo e suas representações, investigando o olhar e as narrativas produzidas pelas crianças diante de imagens de um livro de literatura que continha corpos. A nudez, disponível de todas as formas e inserida nos mais variados contextos, é manipulada por aqueles que definem quem pode ou não acessá-la, assim, sutis censuras permeiam as classificações etárias que dizem o quanto o acesso a esse conteúdo se torna impróprio ou ofensivo às experiências dos que não poderiam acessá-las, ou seja, as crianças. E afinal, o que existe de tão ofensivo no corpo nu?

Para compreender tais inquietações, propusemos esse estudo sobre os percalços do corpo nu, desde o passado até os dias atuais, e sobre a nudez representada na literatura infantil e nas imagens da arte. Concomitante a isso, buscamos refletir sobre como a escola tem lidado com a temática do nu nas práticas educativas voltadas para o ensino da Arte na Educação Infantil, o que tem movido a repreensão, o cerceamento de imagens de corpos nus. Então nos perguntamos, quais questões moralizantes têm permeado as relações ao tratarmos a nudez como algo tão impróprio e ofensivo às experiências infantis?

Concluimos que a necessidade do ser humano de representar o nu nas mais diversas vertentes artísticas e a violência pudica sempre coexistiram durante a história da humanidade, e, ao realizarmos as proposições com as crianças dos grupos G2 e G5, verificamos que as formas que cerceiam os corpos nus, as experiências vivenciadas no ensino da Arte nos espaços da Educação Infantil, no olhar, ou melhor, na perspectiva das crianças, não provocam nenhum constrangimento ou reação adversa. Para elas, o corpo nu é apenas um corpo, e os nomes de suas partes e suas funcionalidades são algo que lhes desperta curiosidade. Entretanto, ao invés de tornar a discussão dessa temática interessante aos olhos das crianças, o que ocorre nos

espaços infantis são ações que atuam como inibidoras do autoconhecimento corpóreo e existencial das crianças pequenas.

Referências

BOLOGNE, Jean-Claude. **História do pudor**. Trad.: Telma Costa. Rio de Janeiro: Elfos Ed., 1990.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad.: Maria Thereza da Costa e J.A Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GOMBRICH, Ernest H. **A História da Arte**. 16. ed. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

JUSTAMAND, Michel *et al.* **O cotidiano ancestral e as representações sexuais rupestres no Parque Nacional Serra da Capivara – PNSC/PI – Brasil**. Research, Society and Development, v. 10, n.8, p. 1-27, jul. 2021.

KASTRUP, Virgínia. **O devir-criança e a cognição contemporânea**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 13(3), p. 373-382, jan. 2000.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. 2. ed. Trad.: Sonia M.S. Fuhrmann. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

LOPES, Almerinda. **O erotismo na arte: Enfrentamento e ironia à repressão**. In: XXXVIII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 2018, Santa Catarina. Anais do XXXVIII Congresso do CBHA, Florianópolis, 2018. p. 331-341.

SALLES, Juliana S. **Quando há censura em arte contemporânea: Reflexões sobre a arte-educação numa perspectiva antidiscriminatória**. Revista Diversidade e Educação, v.8, n.1, p. 127-143, jan./jun. 2020.